

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM GOIANO de Geografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

VOL. 15 - N.º 1 - JAN./DEZ. 1995

UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE O ESPAÇO E O TEMPO EM GEOGRAFIA

João Batista de Deus*

RESUMO

O tempo é discutido na Geografia com base nas estruturas materiais criadas pela sociedade ao longo da história, tendo como suporte o grau de evolução das técnicas em cada momento e local. Pode-se, daí, ter tempos diferentes em uma mesma época, porém em locais distintos.

UNITERMOS: Teoria/Geografia

1. INTRODUÇÃO

Em toda abordagem espacial é necessário considerar a dimensão temporal, uma vez que no espaço articulam-se o presente e o passado.

Isto ocorre porque a sociedade, em sua dinâmica, modifica-se e desenvolve-se ao longo do tempo, fazendo com que o espaço também seja transformado. Em cada momento da vida, o homem cria uma estrutura material para produzir sua existência. Esta estrutura é composta pela história pretérita, pelos acontecimentos do presente e pelo embrião do novo.

O espaço é a combinação dos resíduos de tempos anteriores com as transformações atuais, possibilitando a hierarquização das inovações, as quais determinarão a modernidade da espacialização.

* Professor do Campus Avançado de Jataí/UFG

Assim, para entender a relação do espaço com o tempo, é necessário saber como o homem se autoproduz na relação com a Natureza e com os outros homens.

2. O FATO SOCIAL COMO FRUTO DA RELAÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA

O homem, para fazer história, precisa garantir as suas necessidades básicas, como comer, morar, vestir, etc. E isso só é possível quando o homem produz meios para transformar a Natureza, utilizando, e criando suas ferramentas de trabalho.¹

É através do trabalho que o homem vai interferir na Natureza, transformando-a em objetos úteis à sociedade. O trabalho é condição de extrema importância no processo de criação do fato histórico. É a ação consciente dos atos humanos que se tornam fonte de idéias, pelo fato de que, ao reproduzir técnicas já usadas, os homens sempre vão encontrar realidades diferentes, possibilitando a inovação, o que torna possível ao homem criar o seu mundo, humanizando a Natureza. Assim, o homem se autoproduz, estabelecendo relações mutáveis entre si, refletindo na sua maneira de pensar, sentir e agir.

A produção material da vida tem, então, um papel importante para a compreensão da atividade teórica e das formas de consciência, sendo, através da produção da vida material, que os homens mantêm relações entre si, dentro de um modo de produção.

A cada geração são encontradas certas condições materiais que foram transmitidas pelas gerações precedentes. Tais condições serão modificadas pelas novas gerações, mas estas impõem também suas próprias condições. É o que afirma Marx "(...) as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias".²

É nesta relação entre o objetivo e o subjetivo que a sociedade produz e reproduz, criando condições para que o homem sobreviva. Sabe-se que o trabalho, como fruto do processo social, nunca poderá ser realizado senão coletivamente. Fica claro, portanto, quando observamos que para se produzir nós nos apropriamos das técnicas e dos instrumentos de trabalho criados pelas gerações anteriores, mesmo que o instrumento

seja a mão humana. Para Marx “não há produção possível sem trabalho passado acumulado, seja este trabalho a habilidade que o exercício repetido desenvolveu e fixou na mão do selvagem”.³

Percebemos que o conhecimento é fruto da ação conjunta dos homens, da experiência obtida no contato com a realidade objetiva, ou seja, a ação é resultante da análise que o homem faz da realidade, obtida como resultante da experiência, fruto da ação dos indivíduos, “(...) é essa ação dos indivíduos que se encontra na base do conhecimento social desses mesmos indivíduos”.⁴

É através da atividade prática que o homem adquire a experiência, que leva ao conhecimento. Este, por sua vez, possibilita a interferência consciente do homem nos fatos sociais. É o conhecimento que orienta a ação do indivíduo, resultando em novos fatos sociais. Sabendo que a atividade teórica está ligada à atividade prática dos homens, o subjetivo interfere de forma permanente no objetivo. Portanto, não se concebe o conhecimento sem os fatos sociais, nem os fatos sociais são concebidos sem o conhecimento.

Observamos, então, que não é possível separar o objetivo do subjetivo, ou seja, os fatos sociais e o conhecimento estão tão intimamente ligados entre si de forma que um condiciona o outro e se determinam mutuamente. Ao abordar a ciência e a produção, Velasques⁵ deixa claro como o avanço científico sempre esteve ligado às necessidades práticas dos homens ao longo da história.

As condições do homem para transformar a Natureza estão vinculadas ao desenvolvimento das técnicas. As forças produtivas desenvolvidas possibilitam a transformação da Natureza de forma mais rápida, com exigências maiores do conhecimento das leis naturais, proporcionando um avanço científico cada vez maior que influi, por outro lado, no modo de produzir. Em cada momento da história o homem enfrenta situações completamente distintas.

O modo de se produzir está condicionado, segundo Marx,⁶ às condições materiais já existentes e à necessidade de reproduzir (o homem está sempre condicionado a reproduzir o já existente e, impelido pelas necessidades, a criar o novo). O modo de vida dos indivíduos é determinado pela forma de se produzir. Para Marx “a maneira como os

indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são, coincide, pois, com a produção, (...).⁷ Este papel fundamental da produção explica a maneira de ser dos indivíduos, sua vida social. A estrutura da vida social é criada pelos indivíduos na sua existência real, na forma como se relacionam com a Natureza, isto é, como trabalham e como produzem materialmente.

Se a produção tem papel importante na formação da sociedade, esta, em contrapartida, não atua de forma subalterna à produção. Vê-se que quem trabalha, o faz de forma consciente, produzindo segundo as suas vontades.

Assim, a forma de se produzir varia de uma formação sócio-econômica para outra, que pode ocorrer em um mesmo tempo cronológico, provocando diferenças entre os povos.

Todas estas questões irão refletir na forma pela qual a sociedade vai criar o espaço, que não é homogêneo, nem anistórico, pois o desenvolvimento dos povos não se dá de forma igual nem alheia ao tempo.

3. ESPAÇO E PRODUÇÃO SOCIAL

O homem, através da relação entre a prática e a teoria, garante o processo de transformação da Natureza em uma escala cada vez maior. Esta marcha só pode ser feita com o uso de instrumentos de trabalho, o que vai então levar ao fim do determinismo da Natureza sobre as ações dos indivíduos. Há então um intenso processo de humanização da Natureza, já que “esta fase da história não poderia realizar-se se não houvesse um mínimo de organização social e sem uma organização paralela do espaço”.⁸

Não é possível, então, segundo Milton Santos, desvincular os espaços da produção já que esta impõe aos homens “ritmo e formas” levando-os a uma utilização disciplinada do espaço e do tempo. Através da produção (base) que os indivíduos se organizam para garantir a sua subsistência (produção), criam a superestrutura jurídico-política, construindo condições para a reprodução do *status quo*.

O espaço humano é, como já foi dito, o espaço da produção. Ele está ligado ao momento histórico por que passa a sociedade que o

construiu, e aos avanços técnicos determinantes da capacidade de intervenção do homem na Natureza. Segundo Milton Santos “(...) o uso do tempo e do espaço não é feito jamais da mesma maneira, segundo os períodos históricos e segundo os lugares e muda igualmente com os tipos de produção”.⁹ Em cada tempo e local, o homem vai encontrar situações diferentes, que refletirão o grau de dificuldades que a sociedade deve enfrentar para se desenvolver.

O espaço geográfico, então, é fundamental para o entendimento do estudo da evolução social, pois ele funciona como parte material da sociedade, contribuindo para o condicionamento do homem e para a formação social.

Todas estas questões estão intimamente vinculadas ao desenvolvimento das ciências e das técnicas. O mundo que nos cerca não é estático, é produto da atividade humana e, por isso, é histórico. Toda geração modifica o mundo onde vive, produz e o reproduz. A sustentação deste processo tem como base as gerações precedentes, garantindo-lhes uma cultura, técnicas e conhecimento das leis da Natureza.

4. O ESPAÇO COMO INSTÂNCIA DA SOCIEDADE

O mundo, após a Revolução Industrial, é o mundo da indústria e do comércio, ou seja, da produção e da circulação de bens materiais. A sociedade vai criar formas que garantam a reprodução desta estrutura sócio-econômica. O espaço é, como afirma Milton Santos, “uma instância da sociedade”,¹⁰ refletindo o grau de desenvolvimento das técnicas naquele instante. As formas geográficas vão ser parte da sociedade, formando o que Milton Santos chama de “forma-conteúdo”.¹¹

O espaço, como instância social, terá seus elementos vinculados a esta sociedade, mas estes não terão a mesma idade, nem a mesma intensidade. No que se refere ao primeiro, poderão existir elementos de idades diferentes convivendo juntos, sendo que os mais antigos, às vezes, resistem às modernizações e à convivência com os modernos. O segundo dependerá de vários fatores, mas o que nos interessa é que a idade dos elementos influi na intensidade da atuação, podendo, em uma determinada

região, representar o novo e em outra já o velho. É o caso da exportação de indústrias obsoletas para os países de Terceiro Mundo. Segundo Santos, a noção de espaços é assim inseparável da idéia de sistema de tempo.¹² A cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das variáveis dependerá das condições do correspondente sistema temporal.

Esta forma de abstração do espaço vincula-se ao pensamento de que o espaço não é mero reflexo da sociedade, “o espaço é a sociedade”.¹³ Não é possível, portanto, separar o espaço do tempo. O homem humaniza a Natureza, dando-lhe formas que refletem o grau de conhecimento que determinada geração possui. O espaço produzido refletirá o acúmulo deste conhecimento, mas o mais importante é que o espaço terá a forma da sociedade que o construiu porque é fruto do trabalho. As lutas de classes atuarão como conteúdo e fator dinâmico da evolução social e, conseqüentemente, espacial.

Os eventos que incidirão sobre os espaços serão produzidos pela sociedade no processo de autotransformação, em um determinado tempo. A ação das variáveis vai depender das condições materiais e sociais do presente em que atuam, forjadas no decorrer do processo histórico. Santos aborda bem esta questão, observando que o “espaço se define por uma combinação integral de variáveis (...). Cada variável é inteiramente desprovida de significação fora do sistema a qual pertence”.¹⁴ Santos nos leva a pensar na evolução global, com mudanças de conjunto se manifestando de forma qualitativa. Assim, uma variável atuará de forma presente conforme o sistema em que incidir, pois não se separa o sistema do tempo, pois cada sistema se vincula a um período histórico. As variáveis, então, vão alterar o seu valor conforme o tempo histórico, criando um espaço geográfico diferente em cada momento da história.

5. CONCLUSÃO

A estrutura econômica, como já observamos, tem um papel fundamental na formação do espaço. Um estudo sucessivo destas estruturas nos levará a entender, com maior clareza, a sucessão de espaços, porque as diferentes épocas vão representar as diferentes formas em que

o homem transformou a Natureza e como a força humana de trabalho se desenvolveu ao ponto de criar uma determinada estrutura. Assim, como afirma Milton Santos “produzir e produzir espaço são dois atos indissociáveis, pois, o ato de produzir é ao mesmo tempo o ato de produzir espaço”.¹⁵ O homem vai diferenciar as várias épocas pelos variados meios de trabalho, que nos mostraram o grau de desenvolvimento social, refletindo na transformação espacial e permitindo, assim, a periodização no espaço.

Observamos, então, que haverá uma sucessão de tempos e, conseqüentemente, de espaços, que nos permitirá identificar os períodos sucessivos do espaço, tornando possível e necessária a sua periodização para a melhor compreensão das transformações espaciais ao longo da história. Só assim nunca perderemos de vista a totalidade do espaço.

RESUMÉ

La discussion du temps, en géographie, est analysée par rapport aux structures matérielles créées par la société tout au long de son histoire, ayant comme base le degré d'évolution des techniques à chaque époque. Nous pouvons, donc, avoir des temps différents, dans des différents lieux, à une même époque.

NOTAS

- 1 MARX; ENGELS. *Teologia alemã*, p. 23.
- 2 Idem, p. 23.
- 3 MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*, p. 5.
- 4 PRADO JR, Caio. *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*, p.17.
- 5 VELASQUES, A.S. *Filosofia da práxis*, p. 216.
- 6 Idem, p. 13.
- 7 Idem, *ibid.*
- 8 SANTOS. M. *Por uma Geografia nova*, p. 161.
- 9 Idem, p. 162.
- 10 SANTOS, M. *Espaço e método*, p. 4.
- 11 Idem, p. 1.

- 12 SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*, p. 208.
13 MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*, p. 98.
14 SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*, p. 208.
15 Idem, p. 163.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, Horieste. *Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1991.
- LENEN, V.I. *Materialismo e empiriocriticismo*. Lisboa: Ed. Progresso, 1982.
- MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- MARX; ENGELS. *Ideologia alemã*. São Paulo: Ed Martins Fontes, 1989.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. *Espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.
- _____. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- _____. *Novos rumos da Geografia brasileira*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- VELASQUES, Adolfo S. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.